

Inovação, Economia Criativa e Desenvolvimento: aproximação para a Região Metropolitana de Porto Alegre entre 2006 e 2013

Innovation, Creative Economy and Development: an approximation for the Metropolitan Region of Porto Alegre between 2006 and 2013

Innovación, Economía Creativa y Desarrollo para la Región Metropolitana de Porto Alegre entre 2006 y 2013

Judite Sanson de Bem*, Margarete Panerai Araujo** e Moisés Waismann***

RESUMO

Os temas inovação e economia criativa são um desafio de estudo e de pesquisa e seus aspectos decorrentes representam um lugar de destaque no desenvolvimento regional. O objetivo deste artigo consiste em caracterizar, teoricamente, as indústrias criativas e a inovação verificando a Região Metropolitana de Porto Alegre enquanto polo de atividades intensivas em tecnologia representativa na área. A metodologia do estudo é descritiva e faz uso de dados quantitativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Tais contribuições são relevantes e pertinentes e remetem a uma proposta reflexiva que agrega a interdisciplinaridade, buscando a interface dos temas aqui discutidos. Conclui-se que essas categorias consolidam a região com representatividade e demonstram impacto social.

Palavras-chave: Inovação. Indústrias criativas. Desenvolvimento. Região Metropolitana de Porto Alegre.

* Economista, Doutora em História Íbero Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Pós-Doutora em Economia da Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Atualmente é Coordenadora do Curso de Ciências Econômicas e Professora do Mestrado Profissional e Doutorado Acadêmico em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (Unilasalle). E-mail: judite.bem@unilasalle.edu.br

** Graduada em Ciências Sociais, Doutora em Comunicação Social, Pós-Doutora em Administração Pública e de Empresas em Políticas e Estratégias pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Pós-Doutora em Comunicação Social, Cidadania e Região na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (Unilasalle). E-mail: margarete.araujo@unilasalle.edu.br

*** Economista, Doutor em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor-pesquisador da linha de pesquisa em Memória e Gestão Cultural do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (Unilasalle) e do grupo de pesquisa de Estratégias Regionais. E-mail: moises.waismann@gmail.com

Artigo recebido em janeiro/2016 e aceito para publicação em fevereiro/2017.

ABSTRACT

Innovation and creative economy are challenging issues to study and research, and the aspects that arise from them are important in regional development. This article presents a theoretical characterization of the creative industries and innovation by taking metropolitan Porto Alegre as a hub of intensive technological activity. The study was descriptive in method and made use of quantitative RAIS data. Such contributions are relevant and pertinent and refer to a reflective proposal that adds to interdisciplinarity by focusing on the interface of the topics discussed here. It follows that these categories consolidate the representativity of the region and demonstrate their social impact.

Keywords: Innovation. Creative industries. Development. Metropolitan Porto Alegre.

RESUMEN

Innovación y economía creativa son temas difíciles de estudiar e investigar, y los aspectos derivados representan un lugar importante en el desarrollo regional. El propósito de este artículo es caracterizar teóricamente las industrias creativas y la innovación en la Gran Porto Alegre como polo de actividades intensivas en tecnología representativas en la zona. La metodología del estudio es descriptiva y usa datos cuantitativos de la Relación Anual de Informaciones Sociales (RAIS). Estas contribuciones son relevantes y se refieren a una propuesta de reflexión que agrega la interdisciplinariedad, buscando la interfaz de los temas tratados aquí. De ello, se entiende que estas categorías consolidan la región y demuestran el impacto social.

Palabras clave: Innovación. Industrias creativas. Desarrollo. Gran Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Os temas inovação e economia criativa vêm sendo motivo de novas pesquisas e investigações econômicas e sociológicas, parecendo concentrar muitas preocupações de nossa sociedade. O Estado, através de seus diferentes gestores e governos, também vem pautando este assunto em planos e programas com diferentes enfoques, de forma a avançar nesse conhecimento. Isso nos leva a pensar que o desafio de estudo e de pesquisa, reservado a essas temáticas e seus aspectos decorrentes, representa um novo referencial de discussão.

O principal respaldo teórico internacional partiu do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) através do Relatório publicado em 2008¹ e atualizado, em termos de dados, em 2010, referente à Economia Criativa como uma opção de desenvolvimento. No Brasil, sua publicação ocorre no ano de 2012 mediante uma parceria entre a UNCTAD, Itaú Cultural e Ministério da Cultura (MINC). Outra publicação relevante refere-se ao Mapeamento das Indústrias Criativas publicado pelo British Council na série Economia Criativa e Cultural do Observatório Ibero-Americano do Direito Autoral (ODAI) em 2010, e já refletiam estudos do contexto mundial, que compõem um cenário amplo de eixos estratégicos para ser seguido.

As publicações e estudos internacionais representam um ritmo crescente de novas demandas realizadas pelas sociedades, sobretudo a partir dos anos de 1970 e 80, quando as diferentes atividades produtivas tiveram que responder de forma constante e inovadora às alterações solicitadas. Segundo Castells (2002), os agentes passaram a agir “em rede”, intervindo na introdução de produtos, práticas, fórmulas e métodos de produção e de vendas no mercado. Associada a isto há uma nova onda de produtos, mais intensivos em tecnologia, que passaram a circular nos mercados e explicam, em boa medida, o interesse por segmentos anteriormente tidos como secundários. A “economia do conhecimento” ou a produção baseada na informática, nanotecnologia, automação, entre outros, colaborou, portanto, para a mudança de paradigma, implantando uma maior interface entre diferentes áreas do conhecimento.

Após definir o que se entende por indústrias criativas e categorias de inovação e tecnologia, o objetivo deste artigo é o de apresentar dados e evidências das indústrias criativas para a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), baseados em suas classificações tecnológicas, conforme diferentes taxonomias teóricas. Justifica-se a importância da pesquisa, que, de forma conjunta, pode oferecer indícios sobre o desenvolvimento da região. Cabe destacar, ainda, que a metodologia e demais procedimentos utilizados possuem capacidade agregadora para diagnosticar e evidenciar a região de forma científica. Essa investigação pode servir de instrumento de consulta, apoio e atualização ou, ainda, de especialização para áreas de planejamento, bem como para profissionais dedicados à gestão de economia criativa

¹ Este artigo utilizará a base teórica do Relatório da UNCTAD de 2008, disponível na publicação brasileira de 2012. Salienta-se que a mesma é uma tradução do Relatório de 2008 com a atualização dos dados estatísticos. Nas Referências constam os dados da publicação oficial da UNCTAD; UNDP, UNESCO, WIPO and IT.

e administração pública. Consiste num estudo que se justifica por seu referencial e estratégias utilizadas, considerando a existência de um novo processo de conhecimento comprometido com a própria sociedade.

1 EMBASAMENTO TEÓRICO

1.1 ECONOMIA CRIATIVA

Vive-se um momento em que as relações entre os agentes produtivos e os consumidores estão em sintonia com a criatividade. São as ondas de revolução tecnológica que aconteceram em curto espaço de tempo. Alguns organismos internacionais, como a UNCTAD (2012), têm considerado que estes setores, denominados de economia criativa, reúnem as áreas mais dinâmicas. Nesse sentido, num contexto globalizado, há a necessidade de descrever categorias conceituais, que se apresentam como centrais para o entendimento do objeto de pesquisa, ou seja, a economia criativa, inovação e sua relação com o desenvolvimento econômico.

O Plano Nacional da Secretaria de Economia Criativa (2011) instituiu como macrodiretriz da Economia Criativa o desafio de construir uma nova alternativa de desenvolvimento, fundamentada na diversidade cultural, na inclusão social, na inovação e na sustentabilidade. Nesse sentido, elegeu também o estímulo para a implementação das políticas públicas como eixo principal, resultado de ações integradas, no desenvolvimento da sociedade do conhecimento, nas novas tecnologias, economia da cultura e, portanto, economia criativa.

Assim, sob essas referências o Relatório de Economia Criativa 2010 (UNCTAD, 2012, p.3) destacou, em seu conceito amplo, que a criatividade é considerada “o uso de ideias para produzir novas ideias”. Este conceito sugeriu, ainda, que a atividade humana e os ativos culturais são recursos dotados de valores culturais e econômicos. Já os produtos e serviços criativos que fazem parte desse mesmo escopo refletem as influências das indústrias criativas e de sua importância econômica crescente, conforme Bendassoli et al. (2009). O próprio relatório destacava que: “[...] produtos e serviços culturais podem ser vistos como um subconjunto de uma categoria maior, que pode ser chamada de ‘produtos e serviços criativos’, cuja produção exige um nível razoavelmente relevante de criatividade” (UNCTAD, 2012, p.3).

A expressão indústria cultural, largamente utilizada no período pós-guerra, surgiu como uma crítica à produção em massa de bens e serviços do entretenimento e foi cunhada pela Escola de Frankfurt. Adorno e Horkheimer, em 1947, ao lançarem o livro *Dialética do Esclarecimento*, utilizam o termo pela primeira vez em substituição à cultura de massas. Para estes pensadores a diferença apresentava-se claramente, pois a cultura de massa descendia do povo, de seus costumes, e não tinha interesse de ser comercializada, enquanto a indústria cultural era voltada ao consumismo.

Conforme a UNESCO (UNCTAD, 2012, p.5), era importante lembrar que “as indústrias culturais são tidas como aquelas indústrias que combinam a criação, produção e comercialização de conteúdos intangíveis e culturais por natureza”. Nesse sentido,

a utilização do termo indústrias criativas amplificou o escopo desses diferentes conceitos iniciais, permitindo que modelos e pressupostos teóricos subjacentes classificassem as indústrias em centrais e periféricas, conforme a própria UNCTAD (2012, p.6).

Nesse contexto, julgou-se necessário reconceituar a Indústria Criativa, de forma amplificada, como vem sendo utilizada pela UNCTAD (2012, p.8):

[...] são os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários; constituem um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente gerem receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual; constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado; posicionam-se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais; e constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial.

Assim, o termo utilizado nos estudos de Howkins (2013, p.17) englobou 15 ramos industriais criativos das mais diversas áreas:

Economia Criativa é o negócio das ideias – o meio através do qual novas ideias e invenções são comercializadas e vendidas. Consiste em todos os atos criativos em que o trabalho intelectual cria valor econômico.

Mas, são as interdependências e os *spillovers* que interessam a este artigo, pois destes surgem as influências ao desenvolvimento. Assim, a economia criativa envolve um leque de segmentos que não são comumente abordados como relevantes à economia regional, mas que, convém lembrar,

[...] podem estimular a geração de renda, criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo em que promove a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano. Ela abraça aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo. É um conjunto de atividades econômicas baseadas em conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e interligações cruzadas em macro e micro níveis para a economia em geral. É uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas de políticas inovadoras e multidisciplinares, além de ação interministerial. No centro da economia criativa, localizam-se as indústrias criativas (UNCTAD, 2012, p.8).

Ao caracterizar a importância econômica das indústrias criativas e relacioná-las com as políticas públicas e o desenvolvimento, é bom lembrar que esse conceito se aproximou das cidades criativas. Autores como Charles Landry, em sua obra *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovations* (2002) e *The Art of City-Making* (2006), bem como Richard Florida, com suas obras *The Rise of the Creative Class and How It's Transforming Work* (2002) e *No Monopoly in Creativity* (2004); *Cities and the Creative Class* (2005) e *The Flight of the Creative Class: The New Global Competition for Talent* (2005), se destacam por caracterizar as atividades de serviços ou empregos nas cidades como potencial para seu desenvolvimento local.

O relatório da UNCTAD (2012, p.10) procurou demonstrar que “[...] as indústrias criativas consistem em uma fonte potencial de desenvolvimento para os países [...]” e propôs ainda esclarecer a dimensão internacional da política que as envolve.

No cumprimento de seus mandatos, a UNCTAD desenvolveu uma série de iniciativas políticas internacionais e nacionais na área de indústrias criativas e economia criativa. A esse respeito, criou sinergias entre as agências das Nações Unidas com o objetivo de explorar complementaridades, realizar projetos conjuntos de cooperação técnica e promover ações concertadas internacionais mais eficazes. Com esse intuito, foi criado pela UNCTAD, em 2004, o Grupo Informal multiagências das Nações Unidas sobre Indústrias Criativas. O Grupo, que engloba OIT, CCI, UNCTAD, PNUD, UNESCO e OMPI, mantém diálogo regular e se reúne anualmente em Genebra. Essa união abriu caminho para parcerias e resultou em um novo impulso para iniciativas de colaboração, levando em consideração as competências, mandatos e diferentes abordagens dos órgãos envolvidos. Um exemplo concreto de tais iniciativas foi o Relatório de Economia Criativa 2008, um esforço conjunto de cinco agências das Nações Unidas para melhorar a coerência das políticas e o impacto da ação internacional sobre as questões relacionadas à economia criativa (UNCTAD, 2012, p.234).

Com inúmeras políticas e negociações a economia criativa vem colaborando com a formulação de estratégias para o desenvolvimento urbano a fim de ampliar o crescimento. Por sua importância, segundo o relatório UNCTAD (2012) tornou-se uma ferramenta de estudo da análise da cadeia de valor, que representa o progresso dos produtos criativos até o consumo final.

Também o Guia Prático para o Mapeamento das Indústrias Criativas (2010) – publicado pelo British Council, organização internacional do Reino Unido responsável pelas relações culturais e oportunidades de educação – destacou a importância do tema. Registrada no Reino Unido a organização BOP Consulting consultora de pesquisa e estratégia independente especializou-se nas indústrias culturais e criativas. Foram destacados, nesse sentido, em sua obra, os desafios de conter as grandes desigualdades econômicas do mundo e de buscar respostas adequadas, fazendo uso de aspectos culturais, econômicos, sociais e tecnológicos.

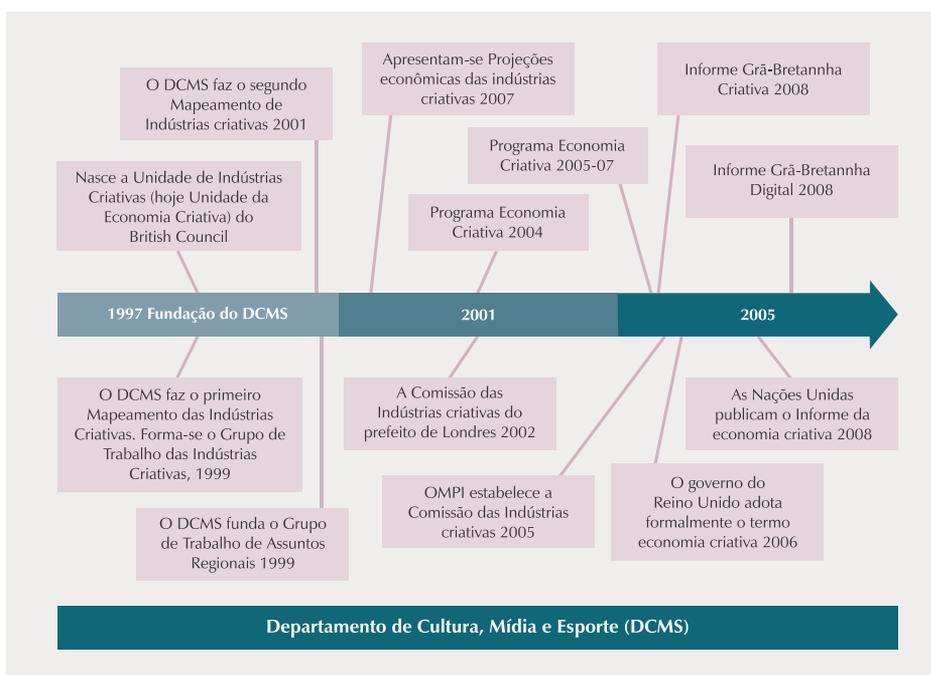
A economia criativa tornou-se promotora de “um motor econômico” para inclusão social. O próprio mapeamento da British Council British foi um método desenvolvido para pensar no valor das indústrias criativas e retomou os conceitos já abordados, tendo descrito a evolução do processo, conforme a figura 1.

Assim, internacionalmente, as diferentes iniciativas vêm ajudando os governos a reconhecerem a grande contribuição das indústrias criativas e de propriedade intelectual para a economia global. No Brasil têm-se trabalhos relevantes.

Um deles é a publicação *Economia Criativa na Cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade*, iniciativa da Fundação do Desenvolvimento Administrativo de SP (FUNDAP, 2011), coordenada por Aurílio Sérgio Costa Caiado. O estudo versou sobre o

desenvolvimento das atividades econômicas criativas como condição fundamental para promover a melhoria das condições de vida da população e ampliar o aproveitamento das potencialidades locais. O estudo apresentou diretrizes e ações voltadas para a Economia Criativa na cidade de São Paulo.

FIGURA 1 - EVENTOS-CHAVES NA EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS E DE SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS



FONTE: British Council (2010, p.17)

Abordou, ainda, a América Latina e o trabalho junto à municipalidade de Buenos Aires, tanto no âmbito de sua participação na Rede de Cidades Criativas quanto na promoção do *design*, sendo considerada pela UNESCO uma das Cidades do *Design* no mundo. No Brasil, o estudo retomou dados dos convênios firmados entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Cultura, e as estatísticas voltadas à economia da cultura (FUNDAP, 2011).

A metodologia utilizada foi baseada na Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE), desenvolvida pela Receita Federal com orientação técnica do IBGE. Foram realizados dois trabalhos, sendo o primeiro a adaptação das classes de atividades indicadas pelos órgãos, que estudaram o tema da Economia Criativa para a CNAE, e o segundo trabalho uma lista de atividades consideradas criativas. As pesquisas desenvolvidas alcançaram diversas esferas de governo público e no setor privado de forma que as articulações necessárias foram consideradas um desafio.

Cabe citar também os estudos da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2012) que representaram um dos marcos sistemáticos da indústria criativa.

Estes retomaram os conceitos do Departamento de Cultura, Mídia e Esportes (DCMS) do Reino Unido (1990), o primeiro mapeamento das indústrias criativas, cujo objetivo foi demonstrar o potencial de geração de empregos e riquezas existente. Resgataram a ideia e importância das cadeias criativas e das novas perspectivas que Howkins (2013) trouxe com suas pesquisas. Nesse sentido ressaltam que:

[...] agregou ao método britânico (DCMS, 1998) uma visão empresarial baseada nos conceitos mercadológicos de propriedade intelectual, na qual marcas, patentes e direitos autorais forneciam os princípios para transformação da criatividade em produto (FIRJAN, 2012, p.1).

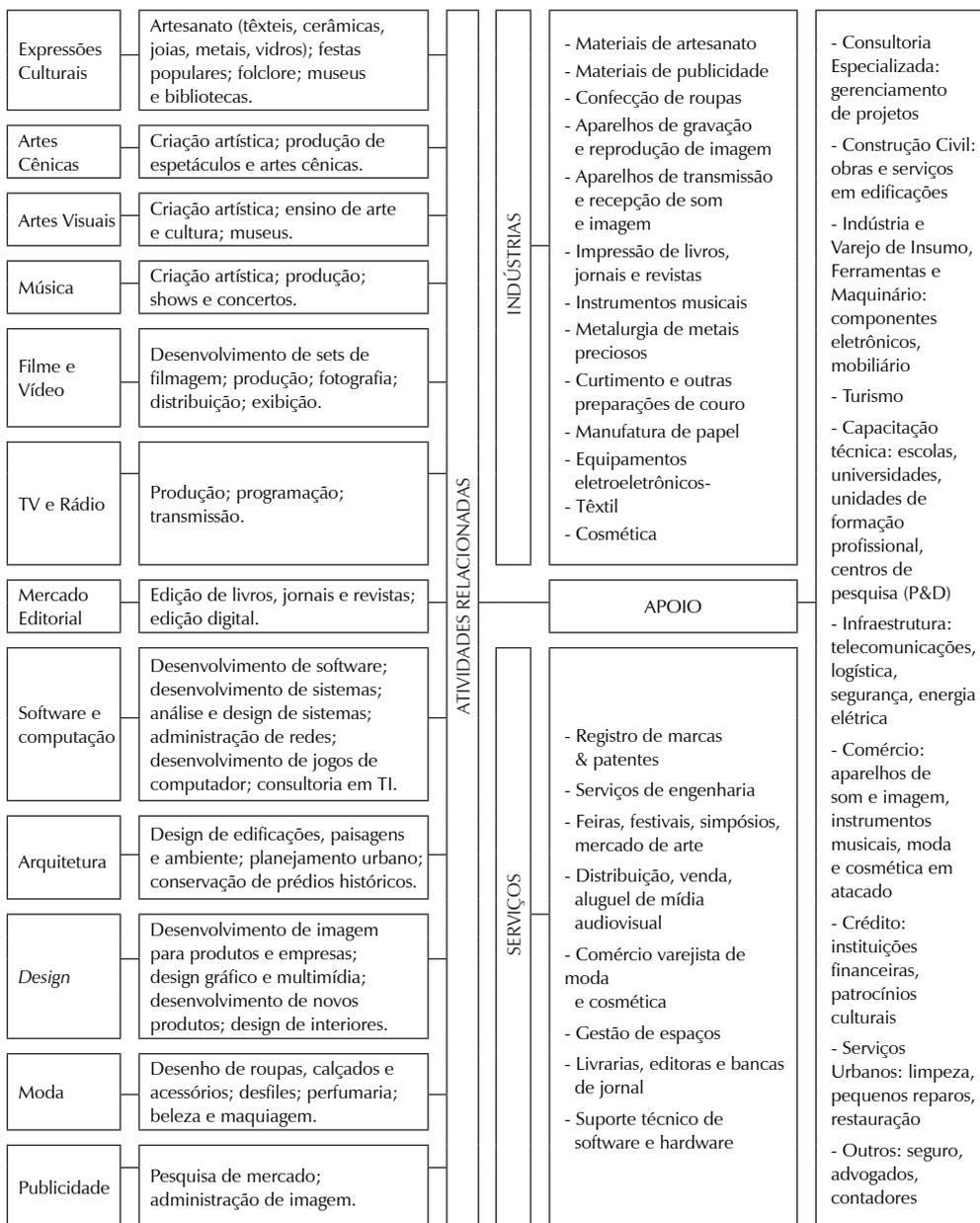
O relatório do sistema Firjan (2012) retomou, ainda, as bases metodológicas do DCMS (1998), de Florida (2001), bem como da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2008). O diálogo efetuado com instituições de ensino, entidades de classe, agências de fomento, segundo a FIRJAN (2012), permitiu às instituições de cultura e o Ministério da Cultura rerepresentar uma investida conceitual sobre a economia criativa.

A figura 2 apresenta o fluxograma com as atividades relacionadas à Cadeia da Indústria Criativa e a inserção dos segmentos de pesquisa e desenvolvimento e biotecnologia que ampliam as pesquisas anteriores.

A existência da literatura internacional permitiu à FIRJAN ampliar os dados anteriormente disponíveis e, em consonância com a UNCTAD, viabilizar a abordagem sobre a Cadeia da Indústria Criativa, que se conservou igual. Passou-se, assim, para o entendimento de três grandes áreas:

Núcleo Criativo: centro de toda a Cadeia Produtiva da Indústria Criativa, é formado por **Atividades Econômicas**, que têm as ideias como insumo principal para geração de valor; **Atividades Relacionadas:** provêm diretamente bens e serviços ao núcleo, são representadas em grande parte por indústrias e empresas de serviços fornecedoras de materiais e elementos fundamentais para o funcionamento do núcleo; **Apoio:** ofertantes de bens e serviços de forma indireta ao núcleo (FIRJAN, 2012, p.02).

FIGURA 2 - ATIVIDADES RELACIONADAS À CADEIA DA INDÚSTRIA CRIATIVA



FONTE: FIRJAN (2012, p.3)

O quadro 1 mostra uma síntese dos setores que constam dos trabalhos da FIRJAN e FUNDAP.

QUADRO 1 - COMPARATIVO DOS MODELOS NACIONAIS EM RELAÇÃO AOS SETORES CONSIDERADOS

FIRJAN		FUNDAP	
Setores Criativos	Atividades	Setores Criativos	Atividades
Publicidade	Publicidade, <i>marketing</i> , pesquisa de mercado e organização de eventos.	Arquitetura	Serviços de arquitetura englobam arquitetura e produção de maquetes.
Arquitetura	<i>Design</i> e projeto de edificações, paisagens e ambientes. Planejamento e conservação.	<i>Design</i>	<i>Design</i> de moda; mobiliário; objetos pessoais; joias; e design industrial, estilista e produtores de moda.
Design	<i>Design</i> gráfico, multimídia e de móveis.	Artes Performativas	Artes cênicas e circenses e outros espetáculos realizados ao vivo.
Moda	Desenho de roupas, acessórios calçados e acessórios; modelistas.	Artes Visuais, Plásticas e Escritas	Fotografia e de criação artística, nas quais se incluem a pintura artística, a escultura e a escrita de textos de ficção e não ficção.
Expressões Culturais	Artesanato; folclore; gastronomia.	Audiovisual	Atividades fabris, como a reprodução de materiais gravados (em que se inclui a gravação de CD e DVD) e a fabricação de instrumentos musicais (produzidos tanto artesanalmente como em larga escala).
Patrimônio & Artes	Serviços culturais, museologia, produção cultural, patrimônio histórico.	Edição e Impressão	Todos os tipos de materiais impressos (livros, jornais, revistas e outros) e as atividades de agências de notícias.
Música	Gravação, edição e mixagem de som; criação e interpretação musical.	Ensino e Cultura	Atividades educativas da área de artes e cultura, como cursos de dança, música, pintura, artesanato e teatro. O ensino de idiomas foi incluído por ser uma importante atividade no que se refere ao contato com diferentes culturas.
Artes Cênicas	Atuação; produção e direção de espetáculos teatrais e de dança.	Informática	Desenvolvimento de <i>softwares</i> , produção de jogos eletrônicos (games), internet, serviços de hospedagem de sites, portais e provedores de conteúdo <i>on-line</i> .
Editorial	Edição de livros, jornais, revistas e conteúdo digital.	Patrimônio	Preservação de acervo bibliográfico e museológico.
Audiovisual	Programação e transmissão.	P&D e desenvolvimento	Instituições de pesquisa e laboratórios.
P&D	Desenvolvimento experimental e pesquisa em geral, exceto biologia.	Publicidade e Propaganda	Agências de publicidade e demais atividades de propaganda, como promoção de vendas e consultoria.
Biotecnologia	Bioengenharia, pesquisa em biologia, atividades laboratoriais.		
TIC	Desenvolvimento de <i>softwares</i> , sistemas, consultoria em TI e robótica.		

FONTES: FIRJAN (2014); FUNDAP (2011)

Ainda mencionando estudos importantes no Brasil, em obra intitulada *Indústria Criativa no Rio Grande do Sul: síntese teórica e evidências empíricas*, Valiati e Wink Junior (2013) publicaram, pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), em 2013, em convênio com a Agência Gaúcha de Desenvolvimento e Promoção da Inovação (AGDI), um mapeamento de indústrias criativas no Estado, em face da necessidade de estudos acadêmicos sobre o tema, bem como da dificuldade de pesquisa acerca desses dados.

As fases de aproximação teórica e consolidação da análise foram as mesmas: *Departamento of Culture, Media and Sports* (Governo inglês), *World Intellectual Property Organization* (WIPO), Eurostat, KEA e Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) e nacionais – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) e Fundação do Desenvolvimento Administrativo de SP (FUNDAP). O método de análise utilizado pelos governos e autores se refere às saídas fiscais, como *proxy* do produto gerado por esse grande setor dentro das três subdivisões (atividades núcleo, atividades relacionadas e atividades de apoio).

Também se concentrou nos setores da economia – indústria de transformação, comércio e serviços – e contemplou o número de empresas e o nível de emprego, a partir de dados da RAIS-MTE sobre o núcleo das indústrias criativas no Rio Grande do Sul, em uma perspectiva comparada. Os resultados são significativos. Segundo Valiati e Wink Junior (2013), cerca de 88% dos municípios gaúchos possuem alguma forma de indústria criativa no segmento indústria de transformação. Os Coredes Serra e Vale do Rio dos Sinos (mais de R\$ 2 bilhões em 2010) foram os que apresentaram, no período, uma indústria criativa de maior diversificação, seguidos pelo Corede Metropolitano e o Delta do Jacuí. A média municipal de diversificação de indústria criativa é de 7,66 atividades diferentes. Bendassoli et al. (2009, p.11) destacaram que esse fenômeno voltou-se para o surgimento “associado ao que se chamou de virada cultural”. Ou seja, o fenômeno das indústrias criativas, que cresce e se consolida, também é tratado pelos autores como um campo promissor de investigação. Desta forma, a próxima seção busca aproximar os estudos de economia criativa aos de inovação tecnológica, dado que é cada vez maior sua necessidade para o campo do desenvolvimento regional.

1.2 INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

A inovação tecnológica é importante e determinante para o crescimento do produto e da produtividade de uma economia. Assim, como a economia mundial evolui constantemente, o mesmo ocorre com o processo de inovação. A globalização norteia as empresas a se manterem no mercado frente aos concorrentes e, para tal, “[...] vantagens em tecnologias e maiores fluxos de informação, bem como o conhecimento, são cada vez mais percebidos como um condutor central do crescimento econômico” (OCDE, FINEP, 2005).

Embora presente nos livros de economia desde o século XVIII, somente na década de 1990 as pesquisas estatísticas em inovação incorporaram e ampliaram os conceitos metodológicos resultantes das rotinas, práticas e intensidade de Pesquisas e Desenvolvimento (P&D) e, sobretudo, dos processos de aprendizagem. Ao final da década de 1990 as pesquisas mais representativas baseavam-se, especialmente, no Manual Frascati, editado em 1962, o qual, posteriormente, gerou o Manual de Oslo.

Furtado e Carvalho (2005) e Markwald (2004) apontaram que em 1992 foi criada a classificação baseada em indicadores, como gastos em P&D e em tecnologia incorporados em bens intermediários e de investimento. O indicador de intensidade de P&D foi o de maior importância, pela OCDE, nos estudos e bases de avaliação tecnológica.

Este fato é relevante, pois as indústrias criativas estão nos dois polos: algumas ainda são intensivas em mão de obra, enquanto outras são intensivas em capital e utilizam-se, sobremaneira, de P&D para o desenvolvimento de seus produtos.

Conforme o Manual de Oslo, publicado pela OCDE (2005), o critério utilizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 1997) baseou-se em duas divisões, sendo o primeiro critério pesquisa e desenvolvimento (indústrias de alta e média-alta tecnologia), e, o segundo, os intensivos de capital e trabalho (indústrias de média-baixa e baixa tecnologia).

Quando voltado aos setores industriais, este indicador classifica a adoção tecnológica em quatro níveis: mercadorias de alta, de médio-alta, de médio-baixa e de baixa tecnologia. Esta classificação incorporou-se àqueles produtos que sofrem algum processo de industrialização e foram conceituados como manufaturas.

Conforme OCDE (2005), as considerações dos grupos de tecnologia foram divididas como segue:

- a alta intensidade tecnológica refere-se às atividades voltadas, em grande parte, para a produção de bens de capital e bens de consumo duráveis, consideradas como principais componentes para o progresso técnico e que realizam, intensivamente, o desenvolvimento de novas tecnologias, adotando procedimentos para ampliar sua competitividade;
- a média-alta intensidade tecnológica, com presença de produtores tanto de bens intermediários como de bens de consumo duráveis, tem perfil mais heterogêneo, sobressaindo aqueles setores intensivos em economias de escala, em recursos naturais e, por fim, em conhecimento, como é o caso das indústrias químicas e farmacêuticas;
- a média-baixa intensidade tecnológica é composta por setores de bens intermediários. Consta-se que são setores com proporção de gastos em P&D baixos e intensivo esforço para minimizar os custos de produção, em grande parte mediante a aquisição de máquinas e equipamentos e a melhoria dos processos produtivos;
- finalmente, a baixa intensidade tecnológica está diretamente relacionada aos setores tradicionais que inovam, incorporando tecnologia desenvolvida em outros setores, como, por exemplo, o têxtil, ao incorporar fios sintéticos (novos ou melhorados) e tintas, desenvolvidos pelo setor químico. São setores em que não existem grandes possibilidades de ampliar gastos em P&D, como as atividades de beneficiamento de arroz ou de abate de animais.

Assim, desde Joseph Schumpeter as teorias da inovação têm mantido um lugar de destaque na economia, pois seu argumento é de que o desenvolvimento econômico é conduzido pela inovação por meio de um processo dinâmico em que as novas tecnologias substituem as antigas, um processo por ele denominado “destruição criadora”. Esse processo leva aos ciclos ou ondas de criação, que aumentam a eficiência das empresas, sua produtividade e, por conseguinte, o desempenho na economia. A isto chamamos de desenvolvimento.

Nas indústrias criativas, a inovação de produto permite às empresas ganharem uma vantagem competitiva por meio da introdução de um novo produto, o que lhes confere a possibilidade de maior demanda e maiores margens sobre custos. Do ponto de vista do consumidor, isto é visto pela obtenção de produtos com maior elasticidade-renda e em uma curva de satisfação mais afastada da origem.

Quanto ao setor de serviços, um trabalho de referência fundamental é *High-technology and knowledge based services aggregations based on NACE Rev. 2.* (EUROSTAT, s.p.). Este trabalho destaca que

NACE is a derived classification of ISIC: categories at all levels of NACE are defined either to be identical to, or to form subsets of, single ISIC categories. The first level and the second level of ISIC Rev. 4 (sections and divisions) are identical to sections and divisions of NACE Rev. 2. The third and fourth levels (groups and classes) of ISIC Rev.4 are subdivided in NACE Rev. 2 according to European requirements. However, groups and classes of NACE Rev. 2 can always be aggregated into the groups and classes of ISIC Rev.4 from which they were derived. The aim of the further breakdowns in NACE Rev. 2, as compared with ISIC Rev. 4, is to obtain a classification more suited to the structures of the European economies.

A classificação europeia, que envolve os serviços, também forma categorias e subconjuntos semelhantes aos segmentos industriais. Nesse sentido, observam-se as interfaces conceituais entre as indústrias criativas e a inovação tecnológica, as quais podem ser classificadas, teoricamente, conforme as diferentes taxonomias. Portanto, a metodologia descrita a seguir apresenta os quadros de classificação e as evidências relacionadas às indústrias criativas e à inovação, analisando a Região Metropolitana de Porto Alegre como polo de atividades intensivas em tecnologia representativas.

2 MÉTODO

Em relação aos procedimentos metodológicos empregados, a pesquisa foi descritiva, tanto bibliográfico quanto documental. Adotou-se o delineamento de análise a partir dos dados dos registros administrativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) produzidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego e buscou-se identificar a quantidade de organizações e vínculos por segmentos da indústria criativa no período de 2006 a 2013.

O Modelo utilizado fez uso da Classificação Conceitual Tecnológica da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e suas taxonomias foram propostas pela própria organização. No presente artigo, também foram utilizadas as classificações das teorias de Furtado e Carvalho (2005) e Markwald (2004), assim como do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2008) de forma adaptada para ampliar e compor as análises. As classificações dos setores seguem conforme o quadro 2, a seguir.

QUADRO 2 - CLASSIFICAÇÃO TECNOLÓGICA POR TIPO DE INDÚSTRIA

CLASSIFICAÇÃO TECNOLÓGICA	Na visão de Furtado e Carvalho (2005) e complementado por Markwald (2004).	No Brasil, o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC, 2008).
Alta intensidade tecnológica	Setor aeroespacial, farmacêutico, de informação, eletrônica, telecomunicações, e instrumentos.	Equipamentos eletrônicos, informática, comunicações, instrumentos ópticos e de precisão, fármacos e aviões.
Média-alta intensidade tecnológica	Setores de material elétrico, veículos automotores, química (excluído o setor farmacêutico), ferroviários, equipamentos de transporte, máquinas e equipamento.	Produtos químicos (exceto fármacos), automóveis, máquinas e equipamentos, equipamentos de transporte (exceto aviões), máquinas e materiais elétricos.
Média-baixa intensidade tecnológica	Setores de construção naval, borracha e produtos plásticos, coque, produtos refinados metálicos, metalurgia básica e produtos metálicos.	Petróleo e combustíveis, borracha e plástico, minerais não metálicos, metalurgia básica, produtos de metal, construção de embarcações.
Baixa intensidade tecnológica	Setores de reciclagem, madeira, papel e celulose, editorial e gráfica, alimentos, bebidas e fumo, têxtil de confecção, ouro e calçados.	Alimentos, bebidas, têxteis, vestuário, couro e calçados, papel e celulose, madeira e móveis.

FONTE: BRASIL (2008)

Quando nos referimos aos setores de serviços, os autores deste artigo buscaram alicerces na classificação da União Europeia, o ISIC e suas interfaces com o NACE rev.2. Destarte que o NACE é uma classificação derivada. As categorias de todos os níveis do NACE rev.2 ou são idênticas ou formam subconjuntos.

O quadro 3 apresenta as atividades, serviços, e sua intensividade em inovação e conhecimento.

QUADRO 3 - CLASSIFICAÇÃO TECNOLÓGICA POR BASE NOS SERVIÇOS

continua

KNOWLEDGE BASED SERVICES	NACE REV. 2 CODES - 2-DIGIT LEVEL	
Knowledge-intensive services (KIS)	50 to 51	Water transport; Air transport;
	58 to 63	Publishing activities; Motion picture, video and television programme production, sound recording and music publish activities; Programming and broadcasting activities; Telecommunications; computer programming, consultancy and related activities; Information service activities (section J);
	64 to 66	Financial and insurance activities (section K);
	69 to 75	Legal and accounting activities; Activities of head offices, management consultancy activities; Architectural and engineering activities, technical testing and analysis; Scientific research and development; Advertising and market research; Other professional, scientific and technical activities; Veterinary activities (section M);
	78	Employment activities;
	80	Security and investigation activities;
	84 to 93	Public administration and defence, compulsory social security (section O); Education (section P), Human health and social work activities (section Q); Arts, entertainment and recreation (section R).
Knowledge-intensive market services (excluding high-tech and financial services)	50 to 51	Water transport; Air transport;
	69 to 71	Legal and accounting activities; Activities of head offices, management consultancy activities; Architectural and engineering activities, technical testing and analysis;
	73 to 74	Advertising and market research; Other professional, scientific and technical activities;
	78	Employment activities;
	80	Security and investigation activities;

QUADRO 3 - CLASSIFICAÇÃO TECNOLÓGICA POR BASE NOS SERVIÇOS

conclusão

KNOWLEDGE BASED SERVICES	NACE REV. 2 CODES - 2-DIGIT LEVEL	
High-tech Knowledge-intensive services	59 to 63	Motion picture, video and television programme production, sound recording and music publish activities; Programming and broadcasting activities; Telecommunications; computer programming, consultancy and related activities; Information service activities;
	72	Scientific research and development;
Knowledge-intensive financial services	64 to 66	Financial and insurance activities (section K).
Other knowledge-intensive services	58	Publishing activities;
	75	Veterinary activities;
	84 to 93	Public administration and defence, compulsory social security (section O); Education (section P), Human health and social work activities (section Q); Arts, entertainment and recreation(section R)
Less knowledge-intensive services (LKIS)	45 to 47	Wholesale and retail trade; Repair of motor vehicles and motorcycles (section G);
	49	Land transport and transport via pipelines;
	52 to 53	Warehousing and support activities for transportation; Postal and courier activities;
	55 to 56	Accommodation and food service activities (section I);
	68	Real estate activities (section L);
	77	Rental and leasing activities;
	79	Travel agency, tour operator reservation service and related activities;
	81	Services to buildings and landscape activities;
	82	Office administrative, office support and other business support activities;
	94 to 96	Activities of membership organisation; Repair of computers and personal and household goods; Other personal service activities (section S)
Less knowledge-intensive market services	45 to 47	Wholesale and retail trade; Repair of motor vehicles and motorcycles (section G);
	49	Land transport and transport via pipelines;
	52	Warehousing and support activities for transportation;
	55 to 56	Accommodation and food service activities (section I);
	68	Real estate activities (section L);
	77	Rental and leasing activities;
	79	Travel agency, tour operator reservation service and related activities;
	81	Services to buildings and landscape activities;
	82	Office administrative, office support and other business support activities;
	95	Repair of computers and personal and household goods;
Other less knowledge-intensive services	53	Postal and courier activities;
	94	Activities of membership organisation;
	96	Other personal service activities;
	97 to 99	Activities of households as employers of domestic personnel; Undifferentiated goods- and services-producing activities of private households for own use (section T); Activities of extraterritorial organisations and bodies (section U)

FONTE: NACE Rev. 2 (2008)

3 ANÁLISE DOS DADOS

A tabela 1 apresenta o número de estabelecimentos por segmentos e intensidade tecnológica da Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre, nos anos de 2006 a 2013. A intenção é ilustrar o comportamento desta variável ao longo do período de estudo.

TABELA 1 - NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO, SEGUNDO SEGMENTOS E INTENSIDADE TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE - 2006-2013

TECNOLOGIA	SEGMENTO	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Baixa	Arquitetura e <i>Design</i>	149	148	158	165	159	192	191	208
	Artes Performativas	137	117	122	120	135	146	160	162
	Artes Visuais, Plásticas e Escrita	145	147	140	151	170	185	206	215
	Edição e Impressão	297	295	303	322	348	339	358	348
Média	Ensino e Cultura	119	125	145	171	193	218	246	274
	Publicidade e Propaganda	188	183	217	245	257	294	303	331
	Audiovisual	399	426	380	354	345	317	294	279
Alta	Informática	927	822	787	864	952	1.025	1.119	1.127
	Patrimônio	10	12	10	14	17	16	17	16
	Pesquisa e Desenvolvimento	17	19	25	25	29	29	34	33
TOTAL DE ESTABELECEMENTOS		2.388	2.294	2.287	2.431	2.605	2.761	2.928	2.993

FONTE: Relação Anual de Informações Sociais - MTE. Disponível em: www.mte.gov.br

NOTA: Elaboração dos autores.

Verifica-se que dos 10 segmentos da indústria criativa da Região Metropolitana de Porto Alegre quatro encontram-se no grau baixo de intensidade tecnológica, duas no grau médio, e quatro no grau alto. Observou-se também que, ao longo do período estudado, o número de estabelecimentos no seu total cresceu de 2.888 organizações, em 2006, para 2.993, em 2013. Se focarmos em cada um dos segmentos, nota-se que apenas o audiovisual apresentou uma queda no número de estabelecimentos. Nos gráficos 1 e 2 as informações da tabela 1 serão exploradas a partir do olhar sobre o grau de intensidade tecnológica.

O gráfico 1 mostra a proporção de estabelecimentos pelo grau de intensidade tecnológica da Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre no período de 2006 a 2013. O propósito da ilustração é evidenciar a distribuição dos estabelecimentos a partir deste recorte.

Pelo gráfico 1 nota-se que a Região Metropolitana de Porto Alegre caracteriza-se por concentrar no seu território organizações de alta intensidade tecnológica, ao mesmo tempo em que, ao longo do período estudado, estas organizações perderam um pouco de espaço em relação à proporção total. Em 2006 elas representavam 57% do total, passando para 49% em 2013.

Já as organizações de média intensidade tecnológica, de menor representatividade, simultaneamente veem o seu peso proporcional aumentar no período em tela. Em 2006 representavam 13%, e alcançam, no ano de 2013, a marca dos 20%. As organizações de baixa intensidade tecnológica, no mesmo período,

oscilam entre 30% e 31% do total, ou seja, se mantêm estáveis, como a segunda concentração de organizações.

GRÁFICO 1 - PROPORÇÃO DE ESTABELECIMENTOS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO, SEGUNDO GRAU DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE - 2006-2013



FONTE: Relação Anual de Informações Sociais - MTE. Disponível em: www.mte.gov

NOTA: Elaborado pelos autores.

O gráfico 2, a seguir, expressa a variação no número de estabelecimentos por segmento e intensidade tecnológica da Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre, nos anos de 2006 a 2013. A intenção, ao se apresentar o gráfico 2, é evidenciar o desempenho de crescimento ou retração dos estabelecimentos a partir deste recorte. Ao contemplar os dados do gráfico 2, percebe-se que ao longo do período pesquisado o número de estabelecimentos ampliou-se, mas com algumas variações no decorrer dos anos. O total de estabelecimentos que parte (ano de 2006) do índice de base 100 chega ao ano de 2013 em 125, ou seja, o número total de estabelecimentos cresceu em 25%.

Os estabelecimentos de baixa intensidade tecnológica cresceram em 28%, o que significa que cresceram mais que o total de estabelecimentos em praticamente dois pontos percentuais. Já as organizações de média intensidade tecnológica têm a sua variação registrada em 97%, isto é, quase dobram do período de estudo, e, por fim, os estabelecimentos de alta intensidade tecnológica crescem em 8%, ou 17 pontos percentuais abaixo do crescimento geral das indústrias criativas na Região Metropolitana de Porto Alegre.

A tabela 2 mostra o número de vínculos por segmentos e intensidade tecnológica da Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre, nos anos de 2006 a 2013. Identificou-se que, ao longo do período estudado, o número de vínculos (postos de trabalho) no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre ampliou-se no seu conjunto e em todos os segmentos da indústria criativa.

GRÁFICO 2 - VARIACÃO NO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO, CALCULADA PELO NÚMERO-ÍNDICE DE BASE 100 (100=2006) PELO CONJUNTO DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE - 2006-2013



FONTE: Relação Anual de Informações Sociais - MTE. Disponível em: www.mte.gov
 NOTA: Elaborado pelos autores.

TABELA 2 - QUANTIDADE DE VÍNCULOS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO, SEGUNDO SEGMENTO E INTENSIDADE TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE - 2006-2013

TECNOLOGIA	SEGMENTO	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Baixa	Arquitetura e Design	361	378	386	395	346	480	429	473
	Artes Performativas	741	801	981	831	891	941	836	837
	Artes Visuais, Plásticas e Escrita	440	590	623	598	689	774	782	775
	Edição e Impressão	7.505	7.364	6.761	6.833	6.883	6.489	6.194	5.841
Média	Ensino e Cultura	718	651	850	963	1.135	1.366	1.627	1.720
	Publicidade e Propaganda	1.349	1.431	3.355	2.784	3.162	3.629	3.457	3.483
	Audiovisual	3.603	3.583	3.937	3.902	4.223	4.254	3.976	3.881
Alta	Informática	9.008	9.513	10.360	11.143	12.513	14.290	18.851	19.626
	Patrimônio	56	266	92	236	272	314	310	335
	Pesquisa e Desenvolvimento	568	646	1.040	1.194	1.277	1.273	1.236	1.360
TOTAL DE VÍNCULOS		24.349	25.223	28.385	28.879	31.391	33.810	37.698	38.331

FONTE: Relação Anual de Informações Sociais - MTE. Disponível em: www.mte.gov
 NOTA: Elaboração dos autores.

O total de vínculos passou de 24.349 em 2006 para 38.331 em 2013. O segmento de informática, que se insere nas empresas de alta intensidade tecnológica, destacou-se não somente neste campo, mas no geral. No setor de baixa intensidade tecnológica a ênfase ocorre no segmento de edição e impressão, e, no segmento de média, o relevo é para publicidade e propaganda. Como foi feito com os dados das organizações, nos dois gráficos seguintes as informações da tabela 2 sobre os postos de trabalho foram esmiuçadas a partir do grau de intensidade tecnológica.

O gráfico 3 anuncia a proporção, em percentual, de vínculos, no mercado formal de trabalho, por intensidade tecnológica da Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre, nos anos de 2006 a 2013. Neste gráfico é possível observar que os postos de trabalho na região metropolitana caracterizaram-se por se concentrar nos vínculos de alta intensidade tecnológica. Os postos de trabalho neste grupo ampliaram sua proporção de 54%, em 2006, para 66%, em 2013. Quanto aos postos de trabalho de média intensidade tecnológica, estes representavam a menor parte, mas viram o seu peso proporcional aumentar no período.

GRÁFICO 3 - PROPORÇÃO DE VÍNCULOS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO, SEGUNDO INTENSIDADE TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE - 2006-2013



FONTE: Relação Anual de Informações Sociais - MTE. Disponível em: www.mte.gov

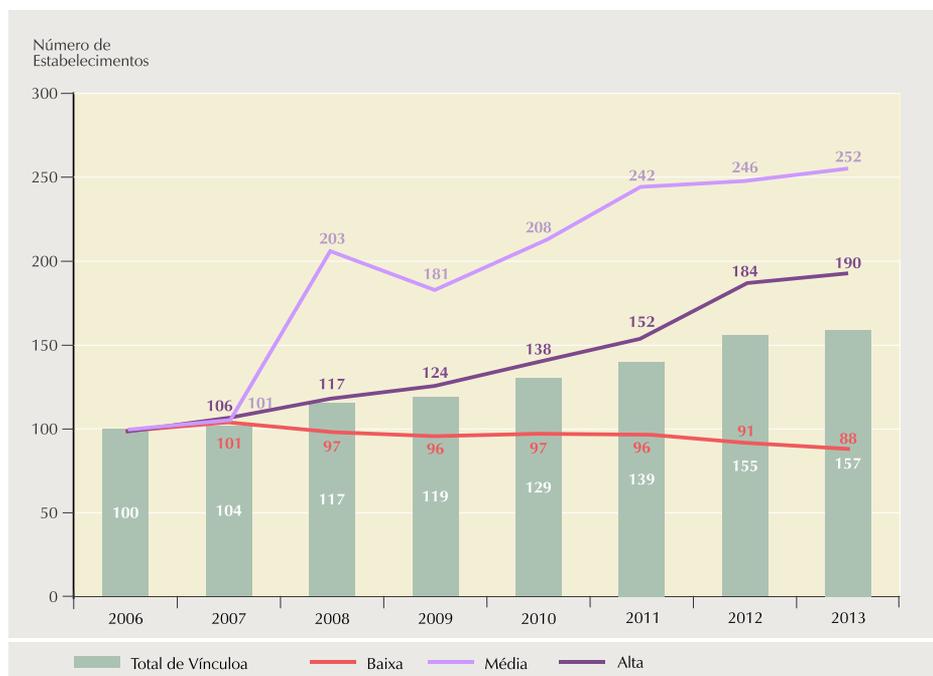
NOTA: Elaborado pelos autores.

Em 2006 representavam 8%, passando para 14% no ano de 2013. Os vínculos de baixa intensidade tecnológica no mesmo período caíram de 37% em 2006 para 21% em 2013, mantendo-se ainda com a segunda concentração de vínculos sobre o total.

O gráfico 4 retrata a variação na quantidade de vínculos por intensidade tecnológica da Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre, nos anos de 2006 a 2013. O objetivo é ilustrar esse comportamento do crescimento dos postos de trabalho a partir da base 100 no ano de 2006. Ao observar os dados do gráfico 4, nota-se que ao longo dos anos pesquisados a quantidade de vínculos, no conjunto dos segmentos da indústria criativa, cresceu em 57% em relação a 2006.

Os empregos formais de baixa intensidade tecnológica reduziram-se em 22%; já os vínculos de média intensidade tecnológica tiveram sua variação registrada em 152%, o que significa que mais que dobraram no período de estudo e, por fim, os postos de trabalho de alta intensidade tecnológica cresceram em 90%, ou seja, quase duplicaram.

GRÁFICO 4 - VARIAÇÃO NA QUANTIDADE DE VÍNCULOS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO, CALCULADA PELO NÚMERO-ÍNDICE DE BASE 100 (100=2006) PELO CONJUNTO E POR INTENSIDADE TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE - 2006-2013



FONTE: Relação Anual de Informações Sociais - MTE. Disponível em: www.mte.gov

NOTA: Elaborado pelos autores.

CONCLUSÕES

Variados estudos oferecem reflexões sobre o desenvolvimento dos setores que compõem as indústrias criativas, permitindo compreender suas articulações em relação à economia, gestão, cultura, identidade e aspectos sociais decorrentes.

A oferta de bens e serviços criativos, denominados na literatura de indústrias (no sentido de produção sistemática e ordenada, não entendida aqui como produção de massa) que utilizam a criatividade como diferencial competitivo, se manifesta em diversas atividades do mercado, constituindo-se como ponto de partida para o desenvolvimento. Tais atividades se utilizam do potencial criativo do capital humano e se transformam em bens e serviços mediante constantes ciclos de inovação. Esta inovação é capitaneada por alguns setores, como se verificou ao longo do trabalho, sobretudo aqueles que se utilizam de mão de obra mais qualificada e de inovação tecnológica. Esta característica está presente tanto em ramos do setor industrial como dos serviços.

Nossa investigação buscou verificar a caracterização teórica das indústrias criativas, bem como as diferenças decorrentes dos setores envolvidos nas classificações

internacionais e nacionais sobre intensidade tecnológica. Desta, resultaram as evidências encontradas da Região Metropolitana de Porto Alegre enquanto polo de atividades criativas na área da inovação e a importância deste como alternativa de desenvolvimento regional, na medida em que gera empregos, empresas e mais inovação. Percebe-se que os segmentos dinamizam áreas antes não estudadas pela economia, mas que hoje são entendidas como pertinentes na promoção do desenvolvimento dos seus habitantes.

No entanto, o tema “desenvolvimento e economia criativa” nos leva a pensar que esse desafio de estudo apresenta dificuldades, pois a teoria ainda é inacabada, conceitualmente, além do que a metodologia de pesquisa utilizada pode levar a questionamentos, devido à parca quantidade de estudos entre seus ramos constitutivos e intensidade tecnológica, tanto sob o enfoque da economia industrial como da economia do desenvolvimento regional. Assim, a metodologia deste trabalho procurou contemplar as atualizações dedicadas à economia criativa e inovação bem como aprofundar as aproximações teóricas às taxonomias utilizadas entre estes dois campos do conhecimento.

Quanto ao objetivo relativo à RMPA, é possível afirmar que esta tem ampliado e diversificado seu potencial, o que se expressa tanto pelo aumento do número de estabelecimentos centrados em média intensidade tecnológica quanto em empregos criativos de alta intensidade tecnológica.

Assim, verificou-se que a Região tem desfrutado de seu potencial de criatividade, ou seja, se o desenvolvimento sugere que há a necessidade de inovação e tecnologia – conforme salientou Schumpeter na afirmação de que não há desenvolvimento sem inovação tecnológica, mediante novos produtos, processos e as demais práticas do conhecimento” –, Porto Alegre apresenta as condições e destas está fazendo uso mediante as diferentes relações entre as oportunidades apresentadas das áreas da inovação e da economia criativa.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, P. et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v.49, n.1, jan./mar. 2009.

BRASIL. Ministério da Cultura. (MINC). **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. Brasília: Ministério da Cultura: 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10913/636523/PLANO+DA+SECRETARIA+DA+ECONOMIA+CRIATIVA/81dd57b6-e43b-43ec-93cf-2a29be1dd071>>. Acesso em: mar. 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Ações e programas, estatísticas e acesso à informação (2008)**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>>. Acesso em: mar. 2014.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Bases estatísticas RAIS/CAGED**. Disponível em: <<http://sgt.caged.gov.br/index.asp>>. Acesso em: jan. 2015.

BRASIL. Secretaria da Economia Criativa. Ministério da Cultura (MINC). **Relatório de economia criativa 2010**: economia criativa uma, opção de desenvolvimento. Brasília: Ministério da Cultura; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

BRITISH COUNCIL. **Guia prático para o mapeamento das indústrias criativas**. London: British Council, 2010. (Série Economia Criativa e Cultural do British Council).

CASTELLS, M. **La era de la información**: economía, sociedad y cultura. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Creative economy report 2008**. 2012. Disponível em: <<http://unctad.org/en/Pages/Home.aspx>>. Acesso em: dez. 2013.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Creative economy report 2008**: the challenge of assessing the creative economy: towards informed policy-making. United Nations, 2008. Disponível em: <http://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer_en.pdf>. Acesso em: dez. 2013.

DEPARTMENT FOR CULTURE SPORT (DCMS). **Creative industries mapping document**. London: DCMS, 2001. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/organisations/department-for-culture-media-sport>>. Acesso em: dez. 2013.

DEPARTMENT FOR CULTURE SPORT (DCMS). **Creative industries mapping document**. London: DCMS, 1998.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **A cadeia da indústria criativa no Brasil**. Estudos para o Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, n.2, maio 2008.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **Indústria criativa**: mapeamento da indústria criativa no Brasil. 2012. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/economicriativa/download/Analise_completa.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **Mapeamento da indústria criativa no Brasil**. 2014. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/economia_criativa/download/mapeamento-industria-criativa-2014.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

FLORIDA, R. **The flight of the creative class**: the new global competition for talent. [S.l.]: HarperBusiness, 2007.

FLORIDA, R. **The rise of the creative class**: and how it's transformig work, leisure, community and everyday life. New York: Basic Books, 2002.

FUNDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADMINISTRATIVO (FUNDAP). **Economia criativa na cidade de São Paulo**: diagnóstico e potencialidade. 2011. Disponível em: <http://novo.fundap.sp.gov.br/arquivos/PDF/Livro_Economia_Criativa_NOVO.pdf>. Acesso em: abr. 2015.

FURTADO, A.T.; CARVALHO, R. Q. Padrões de intensidade tecnológica da indústria brasileira: um estudo comparativo com os países centrais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.19, n.1, p.70-84, jan./mar. 2005.

- HOWKINS, J. **Economia criativa**: como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M.Books do Brasil, 2013.
- LANDRY, C. **The art of city-making**. London: Earthscan Publications, 2006.
- LANDRY, C. **The creative city**: a toolkit for urban innovators. London: Earthscan Publications, 2002.
- MARKWALD, R. Intensidade tecnológica e dinamismo das exportações brasileiras. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n.79, p.3-11, 2004.
- NACE Rev 2 : statistical classification of economic activities in the European Community. **Eurostat**, Luxembourg, 2008.
- ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3.ed. Brasília: FINEP, 2005.
- SILVA, A. **Adorno, a indústria cultural e a internet**: há quarenta anos morria o filósofo da Escola de Frankfurt que se tornou famoso por sua crítica aos meios de comunicação de massa. 2009. Disponível em: <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/20/artigo151970-2.asp>>. Acesso em: maio 2015.
- VALIATI, L.; WINK JUNIOR, M. **Indústria criativa no Rio Grande do Sul**: síntese teórica e evidências empíricas. 2.ed. Porto Alegre: FEE, 2013. Livro eletrônico.